



A PESQUISA COMO CRIAÇÃO DE MUNDOS:

20 anos do PPGPSI/UFRGS na construção
da Psicologia Social

ORGANIZAÇÃO

Fernanda Amador, Simone Paulon, Vanessa Maurenente e Carolina dos Reis

A PESQUISA COMO CRIAÇÃO DE MUNDOS:

20 anos do PPGPSI/UFRGS na construção
da Psicologia Social

ORGANIZAÇÃO

Fernanda Amador, Simone Paulon,
Vanessa Maurenre e Carolina dos Reis



ABRAPSO EDITORA

Florianópolis - 2023

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

A pesquisa como criação de mundos [livro eletrônico] : 20 anos do PPGPSI/UFRGS na construção da psicologia social / organização Fernanda Amador...[et al.]. -- Florianópolis, SC : ABRAPSO Editora, 2023. PDF

Vários autores.
Outros organizadoras: Simone Paulon, Vanessa Maurenente, Carolina dos Reis.
Bibliografia.
ISBN 978-65-88473-23-8

1. Ensino superior (Pós-graduação) 2. Pesquisa científica 3. Psicologia social I. Amador, Fernanda. II. Paulon, Simone. III. Maurenente, Vanessa. IV. Reis, Carolina dos.

23-168143

CDD-302

Índices para catálogo sistemático:

1. Psicologia social 302

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

Projeto gráfico e design de capa: Arnaldo Bublitz
Arte da capa: Vento não se captura, é sentido.
por Zeca Amaral (ezequiel_candidoamaral@hotmail.com)

APRESENTAÇÃO

PUXANDO ALGUNS FIOS PASSADOS, PASSANDO TRAMAS ENTRE TEMPOS

Carolina dos Reis

Cleci Maraschin

Fernanda Spanier Amador

Simone Mainieri Paulon

Vanessa Maurente

Lembrar é recontar. Recontar é também criar, juntar lembranças que persistem e que se ligam com a criação do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Certamente, há muitos começos, muitos esquecimentos, muitas lacunas. Essa é uma pequena nota, uma breve versão, de apontamentos tecidos nos afetos da memória. Logo na partida, somos tomadas pela saudade de Tania Mara Galli Fonseca e Sérgio Antônio Carlos, que participaram, desde o que podemos chamar de um início, dessa criação coletiva e que, certamente, poderiam colorir essa pequena narrativa com outros fios. Outros também, embora com passagens mais breves, deixaram suas marcas ao nos deixar: Esther Beyer e Carlos Baum. Coleguismos e amigos que duram em nós.

Escolhemos também um tempo. Transcorria o ano de 1995 e, desde lá, projetava-se um PPG. O quadro docente do então Setor de Psicologia Social contava com (quase) quatro doutora/es: Sérgio Antônio Carlos (que doutorou-se em 1993); Maria da Graça Jacques (em 1993); Cleci Maraschin (em 1995); Tania Mara Galli Fonseca (em 1996). Embora muito animadas, quatro professoras não eram suficientes para criar e fazer existir um programa de pós-graduação. Surgiu, então, a proposta de criação de uma linha de pesquisa no PPG existente, ligado ao então Departamento de Psicologia. Dado o insucesso dessa primeira tentativa, uma dica surge em conversa com a Professora Suely Rolnik, da PUC-SP: “Procurem professores amigos da Psicologia Social”. Foi assim que se constituiu o grupo inicial de docentes do futuro Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional, o PPGPSI. Além das/dos quatro citadas, se somaram: Léa da Cruz Fagundes e Edson de Souza, do Departamento de Psicologia; Esther Beyer,

da Faculdade de Educação (FACED); José Vicente Tavares dos Santos e Maria Assunta Campilongo, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH); Marisa Eizirik (FACED); Nara Bernardes, da PUC-RS, Margarete Axt (FACED); Maria Lucia Tiellet Nunes (Psico); Álvaro Crespo Melo, da Faculdade de Medicina (FAMED). No projeto de criação do curso, foram incluídos, ainda, os professores em qualificação do então Departamento de Psicologia: Regina Orgler Sordi; Paulo Kroeff, Jaqueline Tittoni, Liliane Froemming e Nair Iracema dos Santos.

A alegria pela aceitação dos colegas em participar daquela aventura fez com que o grupo reunido trabalhasse intensamente no projeto do curso. Foram muitos os turnos em que Cleci e Tânia - designadas para compor a primeira versão da proposta -, passaram juntas. Cleci, sentada à frente do computador, digitava na maior velocidade que conseguia as frases que Tânia proferia em uma rapidez estonteante. Tânia andava de um lado a outro na sala, de cigarro aceso entre os dedos, sempre falando, pensando alto, recitando. Estavam tomadas por uma grande vibração, pois poderiam inventar e apostar em modos de pesquisar que incluíssem a interdisciplinaridade, a intervenção e o tempo presente como formas de conhecer. Obviamente, uma não digitou tudo na forma como a outra falava. Os dedos dançavam no teclado e iam recompondo o texto recitado. Sempre há uma certa tradução. Após, encaminhavam às antigas impressoras matriciais uma cópia para cada uma, para posterior leitura. Quando achavam que o texto estava bom o suficiente, o submetiam aos demais colegas para discussão.

Após muito trabalho, no ano de 1996, assim foi apresentado nosso PPG:

O Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional (PPGPSI) tem como problemática central de ensino e de pesquisa o estudo dos modos de subjetivação e dos processos grupais e institucionais constituídos nas/pelas mudanças contemporâneas. O Mestrado em Psicologia Social e Institucional tem como objetivo a qualificação docente de nível superior e a formação de pesquisadores afins com os objetos temáticos propostos. (fonte: Folder de divulgação de 1996).

As linhas de pesquisa foram assim descritas:

Sociedade do conhecimento e ecologia social e cognitiva - estuda as transformações sociais e cognitivas- em especial as relacionadas às instituições virtuais e às subjetividades emergentes -, provocadas pelo impacto dos fenômenos da informatização, globalização e digitalização. Analisa mudanças cognitivas, sócio-interativas e de linguagem, em situações de aprendizagem, de produção de bens simbólicos ou relações que definem noções de normalidade e patologia. Professores Integrantes: Cleci Maraschin, Léa da Cruz Fagundes, Margarete Axt, Esther Beyer.

Instituições sociais e práticas sócio-culturais - análise dos equipamentos sociais - grupos e organizações - enquanto produtores e reprodutores de subjetividades. Ênfase no estudo de categorias - como classe social, gênero, geração, raça/etnia e suas recíprocas conexões -; focalização em eixos temáticos - como saúde, educação e trabalho - e redes de poder e exclusão social e cultural. Professores Integrantes: Maria da Graça Corrêa Jacques, Marisa Faermann Eizirik, Sérgio Antonio Carlos, Tania Mara Galli Fonseca, Nara Bernardes e José Vicente Tavares dos Santos.

Subjetividades contemporâneas, discursos e sintomas sociais - Análise de aspectos da modernidade que tem gerado o movimento do sujeito contemporâneo na direção de uma crescente autonomia e individualismo, bem como transformações nas produções discursivas e/ou sintomáticas quer sejam elas individuais e/ou sociais. Professores Integrantes: Álvaro Roberto Crespo Merlo, Edson Luiz André de Sousa, Tania Mara Galli Fonseca, Maria Assunta Campilongo, Maria Lúcia Tiellet Nunes.

O ano de 1996 foi um ano de efervescência. O Conselho Universitário havia aprovado a criação do Instituto de Psicologia, realocando os professores em três departamentos: Psicologia do Desenvolvimento e da Personalidade, Psicologia Social e Institucional e Psicanálise e Psicopatologia. Assim, nosso Programa de Pós-Graduação nascia interdepartamental, com professores oriundos do Instituto de Psicologia e de outras três unidades de ensino: FAGED, IFCH e FAMED. O PPG em Psicologia Social e Institucional teve sua criação autorizada pela Câmara de Pós-Graduação da UFRGS, através da resolução nº 016, de 19 de novembro de 1996. Foi o primeiro passo de sua institucionalização. O projeto necessitou de um segundo envio, à Capes, para aprovação, que ocorreu em 1997. A primeira turma do curso de Mestrado teve ingresso em março de 1998. A Profa. Tania coordenou o programa até 2002, quando Cleci assumiu, permanecendo até 2006.

Outro marco importante na história do PPGPSI foi a criação do curso de Doutorado em Psicologia Social e Institucional, em 2010, período em que a Educação Superior no Brasil era foco de importantes investimentos por meio de programas de incentivo governamentais, tais como o Programa Universidade para Todos (PROUNI), e, em especial, o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), que permitiu a ampliação dos cursos de graduação e o aumento do número de técnicos administrativos e professores, contribuindo para o incremento aos programas de pós-graduação

decorrentes desses ingressos. Tais investimentos vinham acompanhados, ainda, do avanço das políticas afirmativas de ingresso e de permanência junto aos cursos de graduação, que buscaram democratizar o acesso ao ensino superior. Além disso, os programas de pós-graduação experimentaram um período de ampliação no número de bolsas de mestrado, doutorado e pós-doutorado e de bolsas de estudos voltadas à internacionalização, que acompanhavam o estabelecimento de novos convênios abertos ou fortalecidos por meio do Programa Ciências Sem Fronteiras, possibilitando intercâmbio de centenas de estudantes brasileiros para Universidades do mundo inteiro.

Desde sua criação, o PPGPSI já formou mais de 459 mestros e 98 doutoros. Hoje, somos 27 docentes, sendo 22 permanentes e 5 colaboradoras, tramados em três linhas de pesquisa, que atualmente se configuram assim:

Linha de Pesquisa 1 – Clínica, Subjetividade e Política, que concentra-se nas problematizações teórico-metodológicas que enfoquem a temática da Clínica em suas inflexões contemporâneas tomadas como indissociáveis da Política. Privilegia debates que ampliem e atualizem a crítica às práticas sociais e modos de pensar e subjetivar cotidianos enfatizando o paradigma ético-estético das experimentações e investigações.

Linha de Pesquisa 2 – Políticas Públicas e Produção de Subjetividade, que estuda a produção de subjetividade na interface com as políticas públicas, com o objetivo de problematizar as práticas nas áreas da educação, do trabalho, da saúde, da assistência social, da segurança pública, da cidade, da moradia, entre outras. Explora a dimensão interseccional, sobretudo os marcadores sociais de gênero, sexualidade, classe e raça. As pesquisas na linha buscam articular ações voltadas para a qualificação do que é o público como espaço político de investimento de ações governamentais, bem como de afirmação de coletividades e da diferença.

Linha de Pesquisa 3 – Redes Sócio-Técnicas, Cognição e Comunicação, que estuda como as redes sócio técnicas produzem modos de comunicação, cognição e subjetivação. Em seus estudos privilegia metodologias qualitativas processuais tais como pesquisa-intervenção, método clínico, grupos focais, intervenções vídeo-fotográficas e análises discursivas.

Neste ínterim, passamos por muitas aprendizagens, algumas bastante difíceis, mas que certamente contribuíram para a consolidação de riquezas do que hoje constitui o Programa. No entanto, ao mesmo tempo em que narramos a história deste Programa, vivemos ameaças de todos os tipos ao ensino superior e à pesquisa no Brasil, concretizadas através dos cortes no financiamento de projetos e bolsas; das suspeitas, insufladas na mass mídia, acerca das reais finalidades das universidades, especialmente do papel social das universidades públicas; da ameaça às políticas afirmativas e do questionamento à própria concepção de ciência e ao valor da produção científica.

Celebrar a amizade e as possibilidades de composição, nos dias sombrios em que vivemos, tem sido uma forma de resistência importante. Universidades privadas também sofrem com a política do desmonte do Estado e desinvestimentos profundos na educação, principalmente no campo das Ciências Humanas, um movimento que caracteriza um ataque à ciência e ao ensino superior no Brasil, mas que ameaça toda a sociedade. Estamos sobrevivendo a um projeto destrutivo e precisamos encontrar formas de continuar existindo e resistindo, o que só é possível através da construção de um “Comum na diferença” (Hardt e Negri, 2016), que nos permita seguir em nossas pautas.

Este comum, que outrora era constituído por “amigos da Psicologia Social”, que não eram necessariamente psicólogos ou não pertenciam ao Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, atualmente se configura de maneiras diferentes. Em 2017, o PPGPSI abriu cotas para discentes indígenas, negros/as, pessoas com deficiência, pessoas trans (travestis, transexuais e transgêneres), graduados da rede privada de ensino superior beneficiários do PROUNI ou da rede pública de ensino superior beneficiários de bolsas de estudo voltadas a estudantes de graduação em situação de vulnerabilidade socioeconômica, o que inicia um novo momento em sua história, garantindo o ingresso de pessoas antes excluídas de seus processos seletivos.

Novas pautas - antirracistas, feministas, anticapacitistas... - entram com força no PPGPSI, demandando novos fóruns de debate, múltiplos dispositivos e espaços de formações, exigindo permanentes análises de nossas implicações, ainda que com a velocidade e abrangência aquém do necessário, em função de valores conservadores, especialmente do racismo institucional que experimentamos na universidade. O reconhecimento da Pós-Graduação e do corpo docente como brancos, das epistemologias estudadas como coloniais, das práticas incutidas de violências, são apenas alguns dos pontos que começam a ser discutidos, tardiamente, em nosso contexto. O Comum que se faz necessário criar agora, a fim de resistir ao projeto de destruição da pós-graduação e das políticas afirmativas em curso no país, diz respeito ao encontro de corpos que experimentam violências distintas ao longo da vida, por questões de raça, classe, gênero, sexualidade e diversidade corporal que se interseccionam.

A história singular de violências sofridas por cada corpo que se coloca em ação na possibilidade de criação de um “Comum na diferença” e as relações de poder desiguais entre as próprias pessoas que fazem parte do coletivo traduzem um pouco da delicadeza do momento em que vivemos. Ao mesmo tempo em que temos um inimigo comum, as diferenças seguirão sendo diferenças. Precisamos permanecer com estas questões no cerne de nossas pautas. Donna Haraway (2016) propõe a ideia de cama de gato como uma figuração dessa construção. A brincadeira de crianças, conhecida também como jogo de cordas, era praticada com as mãos, as quais passavam um padrão de rede a outra pessoa, que o recebia, transformando-o.

Eu penso em (...) camas-de-gato em um sentido triplo de figuração. Primeiro, promiscuamente puxando fibras em eventos e práticas coagulados e densos, eu tento seguir os fios para onde eles levam para rastrear eles e vejo seus emaranhados e padrões como cruciais para permanecer no problema em lugares e tempos reais e particulares (Haraway, 2016, p. 3).

Assim, jogar cama de gato consiste em entregar e receber padrões, modificando-os, falhando, todavia produzindo, eventualmente, algo bonito, como propõe Donna Haraway. Neste gesto cotidiano de construção de um “Comum na diferença”, nos termos propostos por Hardt e Negri, permanecemos no problema com o qual devemos seguir, que consiste em pensar as relações a partir de uma perspectiva interseccional. Os textos aqui reunidos abrem linhas de reflexão e apontam desdobramentos teórico-metodológicos aos desafios desses tempos.

Fazer a história de um Programa de Pós-graduação: eis a oportunidade de fazer, dele próprio, objeto de nosso pensamento. Quando percorremos os eventos que nos trouxeram até aqui, percebemos que algo sempre nos escapa, vaza, escorrega. Trata-se de tudo aquilo que ele ainda não é, mas que pode vir a ser. Trata-se de uma espécie de bruma virtual, que aguarda, ativa e insistentemente, tensionando as margens, por se atualizar.

Retraçar os ocorridos permite-nos estranhá-los. Permite-nos colocar novos problemas para que sua continuidade seja possível, possibilita novas conexões e agenciamentos, oferece-nos germens de um outro tempo perturbador das linearidades e continuidades. Viabiliza nosso acesso ao descontínuo, ao acontecimental, ao que ainda não está na história, mas que é prenhe de potência, para vivificá-la. Assim, quando apresentamos elementos da história de nosso PPG, abrimos veredas para um próximo movimento em direção a sua constante gênese. O Programa está sempre sujeito a novas nascentes, a novas linhas que o constituem, desde as problemáticas que o animam em vitalidade e desafio, e que parecem atualizar o enunciado que uma de suas fundadoras propunha ao apresentá-lo em seu memorial descritivo de professora titular, escrito em 1997: “Nosso mestrado deverá

mover-se através de passagens não capturadas pelo conforto das certezas, devendo, como tanto queremos, auxiliar no florescimento de múltiplos estados nascentes de nossa ciência” (Fonseca, 1998, p. 108).

Comprometidas com a formação de pesquisadores e pesquisadores sintonizados com as urgências de nosso tempo, não nos furtamos de insistir com a pergunta: quem somos nós, pesquisadoras e pesquisadores em Psicologia Social e Institucional, neste momento preciso da história? Momento preciso de ebulição, de angústias frente a forças conservadoras, fascistas e colonialistas, que ganham dimensões preocupantes em diversas partes do mundo! E, ainda: como lidamos com a crise, essa tão necessária para catalisar forças crítico-analíticas no presente?

Seguindo as linhas sinuosas de Analistas Institucionais que nos antecederam, respondemos: estamos aqui, alimentando dia a dia nossa vontade política de produzir novos problemas! Fomentando “entres”, entre-nós, entre-tempos, entre-espacos, entre-seres, entre-pensamentos, laços afetivos e de desejo que sustentam uma rede propulsora de novas questões que nos desalojam, que nos fazem continuar diferentemente.

Professoras, professores, estudantes, pessoas com as quais pesquisamos nos mais diversos campos de investigação, juntam-se na, muitas vezes, conflitiva tarefa de reconciliar ética, estética e política nas diferentes esferas da vida social. Buscamos sempre ultrapassar nossas dificuldades de escuta para determinados “roncos surdos de batalha” e, muitas vezes, para determinados “estrondosos ruídos de guerra”, dadas nossas posições, não raro, marcadas por privilégios epistêmicos e acadêmicos.

Escrever é inventar agenciamentos, por isso, a escrita da história de nosso Programa de Pós-Graduação agencia o compromisso com as muitas vozes que o constituem. Contar-fazer nossa história necessita ser pretexto para uma espécie de conspiração, maquinação desejante que não se furta aos desafios do presente. Aqui estamos, e por outros “nós” esperamos!